

Viagens virtuais psicodramáticas

A TRAVESSIA DA SOCIEDADE DE
PSICODRAMA DE SÃO PAULO

ADELSA CUNHA E ELISABETH SENE-COSTA
[orgs.]



VIAGENS VIRTUAIS PSICODRAMÁTICAS
A travessia da Sociedade de Psicodrama de São Paulo
Copyright © 2022 by autores
Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**
Preparação: **Janaína Marcoantonio**
Revisão: **Raquel Gomes**
Capa: **Alberto Mateus**
Projeto gráfico e diagramação: **Crayon Editorial**

Editora Ágora

Departamento editorial
Rua Itapicuru, 613 – 7º andar
05006-000 – São Paulo – SP
Fone: (11) 3872-3322
<http://www.editoraagora.com.br>
e-mail: agora@editoraagora.com.br

Atendimento ao consumidor
Summus Editorial
Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado
Fone: (11) 3873-8638
e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

Sumário

PREFÁCIO	7
Elisabeth Sene-Costa	
APRESENTAÇÃO	11
Adelsa Cunha	
1 EMOÇÕES À MESA NA CENA PSICODRAMÁTICA – OBESIDADES E PANDEMIAS	21
Ana Cristina Benevides Pinto	
2 PSICODRAMA E CONSTELAÇÃO FAMILIAR – CONCILIANDO SABERES	33
Denise Silva Nonoya	
3 EXPERIÊNCIAS SURREALISTAS – PANDEMIA E PSICODRAMA: COMO SOBREVIVEREMOS?	51
Elisabeth Sene-Costa	
4 ENCONTROS ÉTNICO-AFETIVOS – REFLEXÕES SOBRE BRANQUITUDE E NEGRITUDE	69
Lúcio Guilherme Ferracini e Maria Célia Malaquias	
5 ENTRE O PALCO E A COXIA DE <i>NÓS E NOSSOS PERSONAGENS</i>	77
Luiz Contro	
6 PSICODRAMA E CULTURA DE PAZ – A COMUNICAÇÃO PACÍFICA COMO CAMINHO	85
Maher Hassan Musleh	

7	ANOTAÇÕES SOBRE O SENTIMENTO DA VERGONHA	95
	Maria Amalia Faller Vitale	
8	O FIO DA VIDA E A VIDA POR UM FIO – APRENDENDO A SE REENCANTAR EM TEMPO DE PANDEMIA	105
	Maria Luiza Vieira Santos e Mariângela Pinto da Fonseca Wechsler	
9	EDUCAÇÃO E SOCIOPICODRAMA – DIFERENTES CONTEXTOS	113
	Marília Josefina Marino	
10	PSICODRAMA BIPESSOAL <i>ONLINE</i> – SERÁ QUE DÁ?	123
	Rosa Cukier	
11	NAVEGAR É PRECISO... <i>E LA NAVE VA</i>.	137
	Yvette Datner	

Prefácio

Elisabeth Sene-Costa

[...] o psicodrama moderno é sempre novo e virgem, não repetido em sessões sucessivas. Demonstramos que há novos caminhos e novos objetivos.
(Moreno, 2012, p. 13)

QUANDO MORENO ESCREVEU ESSA frase, ainda no século 20, estava se referindo ao teatro revolucionário – o teatro da espontaneidade –, que acreditava ser o futuro do teatro moderno. O que ele idealizava exatamente não se concretizou; no entanto, do meu ponto de vista, a frase é válida e compatível, neste século 21, com a atual “modernidade” do psicodrama.

Esclareço. Em 2020, com o início da pandemia da Covid-19 e a infecção em massa provocada pelo vírus, as pessoas foram obrigadas a ficar em casa e a manter o distanciamento social. Empresas, instituições e escolas fecharam as portas. Então, como se comunicar? Como trabalhar? Como estudar? Como se divertir?

A resposta veio pelos meios virtuais de comunicação, que se utilizaram de ferramentas *online* para transmitir, ao vivo, áudios e vídeos pela internet. Essas transmissões tornaram-se indispensáveis e contribuíram para nossa interação social com familiares, amigos, professores, chefes, colegas de trabalho e outros. Vários artistas promoveram entretenimento apresentando *pocket shows*; muitos desenvolveram cursos, ministraram palestras, divulgaram vários tipos de serviços e produtos. Enfim, as redes sociais se expandiram para auxiliar a população a não se sentir totalmente isolada.

A Sociedade de Psicodrama de São Paulo (SOPSP) não poderia fugir dessa “modernidade”. Em 2020 ela completou 50 anos e, inicialmente, a ideia da diretoria executiva era realizar uma

grande festa comemorativa. Infelizmente isso não foi possível. A pandemia se alastrava.

A saída mais brilhante para uma comemoração foi convidar psicodramatistas para realizar *lives* psicodramáticas. Os convidados poderiam escolher o tema de seu interesse, o título e o modo de apresentá-lo – por meio de um relato, uma conversa, entrevista ou aula com *slides*. A dramatização *online*, ainda muito incipiente no meio psicodramático, também seria possível e até esperada pelos participantes, que se sentiam curiosos com a mais recente maneira de dramatizar. Poder-se-ia dizer, talvez, que aqueles seriam momentos de “não saber” (Moreno, Blomkvist e Rützel, 2001, p. 29), nos quais diretor e grupo realizariam um psicodrama virgem, como disse Moreno, em relação à ação dramática presencial.

O(a) diretor(a) de cena precisaria ser suficientemente criativo(a) para colocar consignas claras ao grupo, do aquecimento à dramatização *online*. Os participantes, cada um na sua casa (ou em outro local), com o notebook ou celular na mesa ou na mão, teriam de estar muito envolvidos com o tema. Além disso, deveriam situar-se em um lugar onde pudessem ficar a sós; do contrário, a qualquer instante um animal, um filho ou cônjuge poderiam adentrar o seu espaço e desaquecer a todos, dificultando ou interrompendo o trabalho proposto. Por outro lado, mesmo com situações delicadas, diretor(a) e participantes estariam experimentando e descobrindo um novo contexto de trabalho dramático, isto é, novas maneiras de dirigir, participar, ser protagonista, ego auxiliar ou apenas espectador.

Fui uma das convidadas do projeto e tive a honra de apresentar duas vezes o meu tema. Como relato no capítulo 3, pensei em realizar um encontro teórico (em que usaria *slides*) e vivencial, para o qual proporia uma dramatização *online* que abordasse o momento vigente (que considerei “surrealista”) e promovesse uma ponte com o psicodrama.

As *lives*, infelizmente, não puderam ser gravadas, e os trabalhos ficaram apenas na memória de cada participante.

Isso reverberou em minha mente. Eu achava uma lástima que as experiências apresentadas não pudessem ser mostradas a possíveis interessados. Foi então que me surgiu a ideia de criar um livro com as *lives* vivenciadas. Não perdi tempo: imediatamente convidei minha querida amiga Adelsa Cunha, diretora executiva naquela ocasião, para levar adiante esse projeto. Ela aceitou o desafio, e a Editora Ágora, por meio de sua editora, Soraia Bini Cury – a quem agradecemos imensamente pela gentileza –, se propôs a colocá-lo em prática.

Embora o livro represente, para Moreno (1975, p. 158), “o arquétipo de todas as conservas culturais”, ele mesmo enfatiza que elas são “uma mistura bem-sucedida de material espontâneo e criador, moldado numa forma permanente” (*ibidem*, p. 159). Logo, é muito bom ver essa “mistura bem-sucedida” pronta para a leitura.

O filósofo Ludwig Wittgenstein (1999, p. 26) disse: “Não desejaria, com minha obra, poupar aos outros o trabalho de pensar, mas sim, se for possível, estimular alguém a pensar por si próprio”. É isso que almejamos com os nossos escritos: que cada leitor e leitora desfrute dos textos, sintam-se impelido(a) a compartilhar pensamentos, ideias e críticas e se proponha a recriar as experiências narradas.

Agradecemos, Adelsa e eu, aos autores por terem aceitado participar do livro. A presença de vocês, queridos colegas psicodramatistas, engrandece o conteúdo desta obra e comprova que as *lives* psicodramáticas representam, atualmente, um caminho novo e instigante de dramatização.

REFERÊNCIAS

- MORENO, J. L. *Psicodrama*. São Paulo: Cultrix, 1975.
- _____. *O teatro da espontaneidade*. São Paulo: Ágora/Daimon, 2012.
- MORENO, Z.; BLOMKVIST, L. D.; Rützel, T. *A realidade suplementar e a arte de curar*. São Paulo: Ágora, 2001.
- WITTGENSTEIN, L. *Investigações filosóficas*. São Paulo: Nova Cultural, 1999 (Coleção Os Pensadores).

Apresentação

Adelsa Cunha

CHEGAR AOS 50 ANOS é sempre um marco na história de vida de uma pessoa, que dirá de uma instituição associativa e sem fins lucrativos que tem como principal objetivo a divulgação do psicodrama. Foi com essa motivação que, no final de 2019, eu, então presidente da Sociedade de Psicodrama de São Paulo (SOPSP), juntamente com minha diretoria executiva, composta por Maria Célia Malaquias, Maria Angélica Sugai, Ana Carolina Schimdt e Cleide Braga, encaramos o desafio de uma reeleição para o biênio 2020-2021, animadas com a perspectiva de comemorar o cinquentenário de nossa querida SOPSP. Tínhamos inúmeras ideias para celebrar a história desta que foi uma das primeiras escolas de formação em Psicodrama do Brasil, fundada em 15 de dezembro de 1970, no Anfiteatro de Anatomia Patológica da Faculdade de Medicina da USP, por 113 pessoas que se reuniram para esse fim. Desde então, sua vocação como escola formadora de profissionais especialistas em Psicodrama se mantém ativa, de modo contínuo, tendo inclusive contribuído para a criação de outras escolas de psicodrama espalhadas em todo o território nacional. Não podemos deixar de mencionar sua importante participação na criação da Federação Brasileira de Psicodrama (Febrap) e seu papel de destaque em congressos nacionais e internacionais.

Mas, para além de sua atuação política, a vocação educacional da SOPSP sempre esteve à frente de sua vida associativa, congregando entre seus sócios, no decurso dessa longa jornada, grandes

nomes de teóricos do psicodrama, com uma produção científica invejável e respeitada por psicodramatistas do mundo todo.

Foi a primeira escola de psicodrama a fazer uma parceria com uma universidade – a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) – e a conseguir um título de especialista em Psicodrama reconhecido pelo Ministério da Educação. Essa parceria, que durou 19 anos, formou mais de uma centena de profissionais e serviu de modelo para outras escolas.

Sempre inovadora, foi uma das primeiras escolas a oferecer cursos de educação continuada para obtenção de titulação de psicodramatista didata e supervisor(a), sempre buscando o aprimoramento, promovendo diversas atividades científicas abertas aos seus associados.

Ademais, atuou junto à comunidade oferecendo atendimento psicoterápico gratuito e realizando trabalhos sociais, pelos quais obteve o título de entidade de utilidade pública municipal da cidade de São Paulo. Destacam-se aqui suas ações junto à comunidade da igreja de Nossa Senhora Achiropita, entre outras. Ainda hoje, os atendimentos sociais continuam acontecendo através do Centro de Atendimento em Psicodrama (Capsi), onde pessoas de baixa renda têm acesso a tratamento psicoterápico individual ou grupal. De igual modo, o Capsi socioeducacional oferece serviços gratuitos ou a baixo custo para pequenas empresas, ONGS e associações comunitárias que necessitem de intervenção sociopsicodramática.

No início de 2000, por ocasião de um evento promovido pela então prefeita da cidade de São Paulo, aconteceu o “Psicodrama da Cidade”. Nessa ocasião, a SOPSP, por meio de seus associados, realizou dezenas de psicodramas em diversos pontos da cidade, atendendo a população, junto com outras entidades de psicodrama de São Paulo. Foi um momento memorável, em que foi possível ver a potência de nossa ação junto à sociedade.

Essa vocação de abertura para a comunidade sempre esteve presente em nossa história. Durante a parceria com a PUC-SP,

uma vez por mês havia uma atividade aberta ao público em geral, sempre dirigida por um dos nossos associados.

São muitos anos de ações para contar; muitas coisas para comemorar e, por isso mesmo, imaginávamos uma grande comemoração. Não só com uma grande festa, mas também com uma extensa jornada científica que pudesse resgatar toda essa travessia.

Mas era 2020 e a Covid-19 assumiu o protagonismo no mundo. Em fevereiro tínhamos começado, novamente, uma turma de formação em Psicodrama na SOPSP, a primeira após 19 anos de convênio com a universidade. Estávamos animados, mas a pandemia chegou e nos fez rever todos os planos. No início achamos que seria uma pausa de alguns meses. Afinal, isso não poderia durar tanto. Mas durou. Dura até hoje. E gradativamente fomos obrigados a nos adaptar; a usar toda nossa espontaneidade e criatividade para continuar vivendo, dando aulas, continuar os atendimentos. E, aos poucos, fomos nos familiarizando com os recursos que o mundo virtual oferecia. E fomos descobrindo que era possível. As aulas de nossa turma aconteceram virtualmente; os atendimentos em psicoterapia passaram a ser *online*, via Zoom, Google Meet, Skype, entre outros, que se tornaram ferramentas comuns em nosso dia a dia.

E foi assim que surgiu a ideia de nossa comemoração do cinquentenário acontecer através de *lives*. Já que não seria possível nos reunirmos presencialmente, poderíamos estabelecer uma comunicação virtual para discutir temas emergentes e atuais e manter nosso propósito de diálogo, troca e aprofundamento com nossos associados e demais convidados.

O resultado das *lives* foi excelente; suscitou muitas questões, comentários, trocas e, por fim, o desejo de registrar esse evento como parte da comemoração do cinquentenário. Quando a associada Elisabeth Sene-Costa me propôs sua ideia, aceitei na hora e tive a grata surpresa de contar com o apoio dos diretores das *lives*, que também aderiram à proposta.

No total, fizemos 12 *lives* como parte integrante dessa comemoração. Uma delas, a dirigida pela Beth Sene-Costa, teve tanta repercussão que foi realizada duas vezes. A dirigida por Adriane Lobo, Ana Cristina Caldeira, Cintia Sanches e Cleide Braga, com o título “Oh, abre alas que eu quero passar. O original e o criativo revelados pela geração que faz o psicodrama nos anos 2020”, infelizmente não foi incluída no livro, pois as colegas optaram por não escrever o capítulo.

E eis que nosso livro se nos apresenta. As organizadoras preferiram organizar os capítulos pelo nome dos autores em ordem alfabética, um critério que nos pareceu mais funcional.

Uma associação de profissionais tem, certamente, uma função nutridora. É preciso se alimentar de novos saberes para manter-se atualizado, e assim começa a nossa travessia.

No capítulo 1, Ana Cristina Benevides Pinto nos convida a participar de “Emoções à mesa na cena psicodramática – Obesidades e pandemia”, colocando-nos a importante questão de que comer é também um ato político. Partindo da realidade pandêmica que abalou a todos, faz uma análise de como isso afetou a maneira como cada um de nós se relaciona com a comida, especialmente aqueles que já tinham com o alimento uma relação carregada de emoções. Trazendo a questão para a cena psicodramática da sala de jantar, Ana nos auxilia a entender os comportamentos compulsivos e nos mostra como é possível transformar, com acolhimento amoroso e estimulando respostas criativas e espontâneas, a relação com a comida. Trata-se de uma possibilidade de autocuidado que visa conseguir, como diz a autora, “redimensionar e reformular nosso *modus vivendi* em um constante exercício da espontaneidade criativa, compondo um estilo de vida equilibrado – prazeres e desprazeres –, pondo à mesa da vida a sabedoria de sermos leves de corpo e de alma”.

Seguindo nosso percurso, como associação que promove a ciência, não podemos ficar fechados numa única verdade e negar

a evolução que, inevitavelmente, ocorre no pensamento humano e, claro, nas ciências sociais. Precisamos estar abertos a conhecer as novas descobertas e novas metodologias e refletir sobre como estas dialogam com nossa prática e nosso conhecimento. Assim, no capítulo 2, Denise Silva Nonoya traz uma consistente contribuição em “Psicodrama e constelação familiar – Conciliando saberes antes que todas as portas se fechem e todas as vozes se calem”. O tema é muito atual e provoca inúmeras questões que a autora pretende ajudar a esclarecer, tendo o cuidado de traçar um histórico da origem dos dois métodos – suas diferenças e semelhanças – e nos levando a perceber que os saberes podem se somar, nunca diminuir. Com coragem, Denise nos lembra que o próprio psicodrama foi e é alvo de muitas críticas, por não ser bem conhecido, e que a atuação de alguns profissionais que se apropriam das técnicas sem um conhecimento aprofundado do método acabou por levar muitos a ter resistência ao nosso fazer. De igual modo, a chegada da constelação familiar no Brasil, que aconteceu através do meio jurídico, promoveu uma enxurrada de questionamentos e reforçou a dificuldade em separar o joio do trigo. Daí a importância deste capítulo, no qual, com a isenção de quem conhece bem as duas teorias, a autora nos convida a refletir sobre a necessidade de revermos alguns conceitos e de aceitarmos que cada profissional tem o direito de usar, com seriedade e conhecimento, dos recursos que considera mais eficientes em seu trabalho.

Na história de vida de qualquer pessoa ou instituição existem períodos difíceis, crises, momentos em que não sabemos como prosseguir. Assim também aconteceu com nossa sociedade. Tivemos crises em que nos perguntamos como iríamos sobreviver. Muitas vezes, estupefatos, achávamos que coisas surreais aconteciam. E foi assim que o tema proposto por Beth Sene-Costa, no capítulo 3, “Experiências surrealistas – Pandemia e psicodrama”, caiu como uma luva, tanto que acabou sendo apresentado uma segunda vez. Com muita clareza, a autora contextualiza os

movimentos do dadaísmo e do surrealismo, levando-nos a perceber o quanto a pandemia lançou a humanidade numa situação surreal. Indo além, nos demonstra que as pragas (pandemias) acompanham a história trazendo muita destruição, mas nos obrigando a grandes mudanças e reflexões. Em seu percurso, nos conduz a perceber que J. L. Moreno, o criador do método do psicodrama, foi, em suas ações, alguém que pode ser considerado um surrealista, posto que transgredia a verdade estabelecida e buscava ir além do real. E, com maestria, nos oferece uma saída, ao colocar que temos uma ferramenta criada pelo próprio Moreno, o axiodrama, que nos possibilita trabalhar na reconstrução não de um novo normal, mas de uma ordem social mais justa, mais igualitária, na qual possamos sobreviver de forma mais digna.

Seguindo em nossa travessia, não podemos deixar de destacar que vivemos o tempo todo imersos num universo social; somos reflexo da cultura na qual estamos inseridos e, mesmo sem termos muita consciência, repetimos erros, discriminações, preconceitos arraigados em nossa realidade histórica. Embora o psicodrama tenha chegado ao Brasil através de Guerreiro Ramos, no Rio de Janeiro, quando ele dirigiu diversos trabalhos no Instituto Nacional do Negro, durante muito tempo eram poucos os negros psicodramatistas e pouco se falava do tema. Lúcio Guilherme Ferracini e Maria Célia Malaquias, no capítulo 4, “Encontros étnico-afetivos – Reflexões sobre branquitude e negritude”, trazem luz à questão, que agora é pauta em muitas conversas, mas, como eles mesmos contam, não foi sempre assim. No texto, eles situam o início da discussão sobre a questão racial em apresentações em congressos e, a partir desses trabalhos, explicitam conceitos fundamentais como raça, letramento racial, branquitude e negritude, mostrando-nos o longo caminho ainda a percorrer até que essas marcas sejam afastadas e quanto precisamos estar atentos a essa questão. Ao final, reforçam que os depoimentos dos participantes da *live* só confirmam o enorme sofrimento que

ações racistas provocam, exaltando a importância de espaços de fala, trocas e reflexões sobre o tema.

O que seria da vida sem a arte? Um deserto árido. Desde a sua criação, o psicodrama está interligado com o teatro, e um bom psicoterapeuta sabe que inúmeros personagens habitam cada um de nós. Com sua enorme sensibilidade, partindo da entrevista que fiz com ele em nossa *live* sobre o livro então recém-lançado *Nós e nossos personagens – Histórias terapêuticas*, Luiz Contro elabora um interessante texto no capítulo 5, “Entre o palco e a coxia de *Nós e nossos personagens*”, levando-nos a passear pela obra de Fernando Pessoa e seus heterônimos, visitando Nietzsche e correlacionando o conceito de espontaneidade de Moreno. Desse modo, convida-nos a compreender que a realidade pode ser lida de diversas maneiras e que a espontaneidade, tão buscada por nós, psicodramatistas, já está presente na poesia de Fernando Pessoa. E, como pesquisadores que somos, enquanto psicoterapeutas, devemos buscar o não conhecido, pois, nas palavras de Contro, “procura-se ajuda quando os caminhos conhecidos já não oferecem respostas para o sofrimento que se tem”.

Nem tudo foram flores em nosso percurso. Houve discordâncias, brigas, desavenças. Aliás, na fundação da própria SOPSP já havia acontecido uma divergência no meio psicodramático, que acabou resultando na criação das duas primeiras escolas, a Associação Brasileira de Psicodrama e Sociodrama (ABPS) e a SOPSP. Fazem parte do convívio humano a disputa e a divergência. Mas vivemos um tempo em que discordar provoca sentimentos de muita raiva, de exclusão e, nas redes sociais, os ataques e cancelamentos são intensos. Como conviver com pensamentos diferentes sem nutrir ódio pelos que pensam de outra forma? No capítulo 6, Maher Hassan Musleh nos brinda com o tema “Psicodrama e cultura de paz – A comunicação pacífica como caminho”, que nos auxilia a repensar nossas formas de comunicação e nos mostra como, através dos recursos oferecidos pelo psicodrama, podemos nos comunicar melhor, ter relações mais saudáveis e ampliar nosso

conhecimento sobre comunicação pacífica, para evitar repetir um modelo que separa as pessoas em grupos e que não permite que escutemos uns aos outros. Defende a ideia de que a comunicação pacífica, associada ao psicodrama e ao EMDR (*Eye Movement Desensitization and Reprocessing*), contribui para a construção de uma cultura de paz na qual possamos aceitar que o outro pense diferente. Isso significa compreender que o outro tem o direito de ser quem é e de pensar o que pensa, e que deve ser respeitado, e não exterminado.

Quando olhamos nossa história de vida, inevitavelmente encontramos alguns momentos que não nos orgulhamos de ter vivido. E o sentimento de vergonha aparece, pois faz parte da realidade humana. A *live* dirigida por Maria Amalia Faller Vitale teve como tema “Família em cena”, em que ela compartilhou com os presentes sua rica trajetória no atendimento de famílias. Desse encontro, surgiu o capítulo 7, “Anotações sobre o sentimento da vergonha”. A vergonha é um sentimento que afeta a todos e traz sensações corporais que o denunciam. Partindo do questionamento do quanto o tema é atual e necessário nos dias de hoje, a autora nos leva à origem do conceito de vergonha e nos mostra que esse sentimento é também social, posto que se transforma ao longo da história. No desenrolar de seu texto, diferencia vergonha e culpa, mostrando que, embora diferentes, andam, por vezes, associadas. Destaca três aspectos que ganham relevância no momento sociocultural que vivemos: “a vergonha alheia”, “o olhar das redes sociais” e o “olhar estrangeiro”, nos demonstrando como cada uma dessas formas de vergonha afeta as nossas relações.

Nem sempre estamos preparados para mudanças e, quando ocorrem, é necessário um tempo para nos adaptarmos a elas. Assim aconteceu ao longo de nossa jornada como instituição e, muitas vezes, foi imprescindível desatar nós e buscar o fio da meada. Os terapeutas de crianças e adolescentes, em especial, foram pegos pela pandemia de forma avassaladora e tiveram de usar muita criatividade para enfrentar todas as alterações daí advindas. Maria Luiza

Vieira Santos e Mariângela Pinto da Fonseca Wechsler, no capítulo 8, nos contam da necessidade que surge com a mudança de paradigmas dessa nova forma de atendimento. Usando a ideia “O fio da vida e a vida por um fio – Aprendendo a se reencantar na pandemia”, elas nos levam à constatação da enorme mudança ocorrida no *setting* terapêutico com a introdução do atendimento *online*, compelindo todos – terapeutas, pacientes e famílias – a reverem seus modos de se relacionar. E testa-nos a buscar encontros táticos através de recursos virtuais, acreditando que a espontaneidade e a criatividade são possíveis, ainda que mediadas pela tela de um computador. Mais que tudo: é importante acreditar e se reencantar com as novas possibilidades, que permitem outras formas de encontro, não menos efetivos que os presenciais.

Nem sempre profissionais que não fossem médicos ou psicólogos tiveram o mesmo espaço no movimento psicodramático. Foi um longo trabalho até que se chegasse ao momento atual, em que o título de psicodramatista pode ser concedido tanto na abordagem psicoterápica quanto na socioeducacional, reconhecendo que profissionais de diversas áreas que trabalham com grupos também podem obter o título e que todos somos socionomistas. Um dos principais nomes na elaboração e normatização desses avanços é Marília Josefina Marino, que no capítulo 9, “Educação e sociopsicodrama – Diferentes contextos”, conta-nos sua brilhante trajetória como pedagoga e socionomista e nos ajuda a compreender de forma clara a diferença entre as duas esferas de atuação. Lembrando-nos que o homem é um ser em relação e que a educação é que humaniza a todos nós, vai nos levando à percepção de que essa educação acontece tanto de maneira informal quanto formal e que aprendemos o tempo todo; que estamos sempre inseridos numa cultura e, portanto, num grupo. Esclarece o porquê de usar o termo sociopsicodrama, destacando que a grande questão é o foco do trabalho a ser realizado a partir do contrato feito.

Em todos os nossos cursos, a prática supervisionada foi uma grande preocupação. A fundamentação teórica é muito

importante, mas praticar, colocar a mão na massa e aprender a fazer é parte da construção do papel de diretor de psicodrama. E Rosa Cukier é uma das supervisoras mais procuradas em nosso meio. Ela foi a primeira convidada de nossas *lives* e, no capítulo 10, “Psicodrama bipessoal *online* – Será que dá?”, com toda a sua experiência nos proporciona uma verdadeira aula de como é possível fazer um atendimento bipessoal *online*. Ao abordar a questão do contrato a partir do novo cenário das sessões e explorar as possibilidades de recursos cênicos e de alternativas de jogos dramáticos, considerando que cada um (terapeuta e cliente) está em um local, ela conduz o leitor a perceber que, embora haja mudanças, a nossa metodologia continua a mesma e, se conseguimos manter o aquecimento e o foco, o atendimento bipessoal *online* é absolutamente possível.

E chegamos até aqui. Com orgulho, a nossa sociedade virou cinquentona, ainda produzindo, se adaptando às novas condições que a vida tem exigido. Mas e o futuro? Para onde iremos? Com alegria, para o biênio 2021-2022 foi eleita uma nova diretoria composta de ex-alunos, jovens com muita disposição e energia para continuar essa linda travessia. E não é à toa que nosso livro se encerra com o capítulo escrito por Yvette Datner, trazendo o tema “Navegar é preciso... *E la nave va*”. Psicodramatista muito experiente no trabalho com grupos, Yvette, partindo de um filme de Fellini, propõe uma vivência interessante de uma viagem que começa numa “cidade” que está no caos e se dirige a um lugar que desejamos. Nesse jogo dramático, conduz o grupo a perceber que não somos meros passageiros, e sim coconstrutores de nossas vidas e de nossa realidade social – e que, portanto, para conseguirmos alcançar a mudança desejada é preciso assumir alguns papéis, lembrando que somente a união de todos permite que o ideal seja atingido. Descrito de forma didática, também oferece ao leitor a oportunidade de aprender um recurso que poderá usar em sua prática profissional.

Esperamos que os leitores possam aproveitar e vivenciar um pouco essa experiência.

1. Emoções à mesa na cena psicodramática – Obesidades e pandemias

Ana Cristina Benevides Pinto

EM MARÇO DE 2020, subitamente fomos convocados a permanecer em casa. Iniciava-se a pandemia da Covid-19 e não tínhamos a menor ideia do que viria pela frente. Agora, em 2022, ainda não sabemos quais e quantas sequelas ficaram e ficarão.

Diante do inusitado – ainda mais para nós, brasileiros, poucoíssimos acostumados a esse tipo de situação –, temíamos a nossa morte e a morte daqueles que amávamos, tendo ainda de lutar contra e lidar com esse inimigo invisível.

Inexoravelmente, para permanecer em casa por tanto tempo, a grande maioria das pessoas se questionava: e se faltar comida? A mesa, local de aglutinamento e partilha alimentar, memorial e emocional, começava a abrigar os sentimentos e sinais do isolamento físico e social imposto. Para todos ao mesmo tempo, embora em formatos diferentes.

No início da pandemia, aqueles que podiam estocar alimentos o fizeram – em alguns casos, além do necessário, o que aplacou essa vertente da ansiedade. Para os que não tinham condições de fazê-lo, o conceito de insegurança alimentar tornou-se vivência.

Segundo o Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil, realizado pela Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (Rede Penssan), nos últimos meses de 2020, 19 milhões de brasileiros passaram fome e mais de 50% dos domicílios no país enfrentaram algum grau de insegurança alimentar.